

# The Prehistoric Chamber Tombs of England and Wales

GLYN E. DANIEL

Cambridge University – 1950

O objectivo desta obra sobre monumentos megalíticos do sul da Grã-Bretanha, aparecida em 1950 é, segundo as palavras do próprio A., «to survey the present state of our knowledge concerning these monuments» e este exame é feito tendo em vista a descrição estrutural e morfológica dos monumentos funerários da Inglaterra e Gales, enquadrados dentro das correntes megalíticas do noroeste e norte da Europa.

Além do seu valor indiscutível como trabalho básico que se tornará indispensável para o conhecimento da cultura dolménica do sul da Grã-Bretanha, tem para nós o dobrado interesse de, mais uma vez, vermos aproximadas a colonização megalítica do norte e noroeste da Europa e a do ocidente europeu, possivelmente um dos grandes centros irradiadores durante o eneolítico.

A obra consta de duas partes: a primeira é dedicada ao texto descritivo e interpretativo e a segunda, intitulada

Inventário é, por assim dizer, a parte documental onde o A. indica e descreve todas as câmaras funerárias que se encontram presentemente em estado reconhecível no sul da Grã-Bretanha e notas sobre os monumentos já desaparecidos.

A primeira parte está, por sua vez, dividida em sete capítulos, dos quais, devido ao interesse que o presente trabalho tem para nós, passo a fazer um resumo rápido:

No cap. I ou Introdução o A., depois de demarcar a área geográfica sobre a qual incide o seu estudo e que compreende, além da Inglaterra e Gales, as Ilhas de Anglesey, a de Holy, as Ilhas Scilly, a de Wight e a Ilha de Man, e de mostrar a necessidade de colocar a cultura megalítica dentro do quadro geral das culturas congêneres europeias, faz uma explicação minuciosa do sentido em que certos termos e expressões relacionados com os monumentos funerários pré-históricos são aqui tomados, indicando as várias formas que aqueles

podem revestir, as suas características, etc. Neste capítulo, quando se refere às duas feições principais que estes monumentos podem apresentar — os monumentos propriamente megalíticos ou câmaras «built-up» ou de superfície que tem equivalência nos dolmens de cripta ocidentais e os «rock-cut» que correspondem às grutas sepulcrais do ocidente — mais uma vez chama a atenção para o centro megalítico peninsular, aproximando essas «rock-cut» das grutas artificiais tão abundantes na nossa Estremadura.

Além destas duas feições principais dos monumentos megalíticos, considera ainda uma terceira que designa por monumentos sub-megalíticos, indicando as suas sub-divisões: «earth-fast» e «demi-allée», esta última não tendo representação na Grã-Bretanha.

Indica, por fim, as duas séries morfológicas em que vai enquadrar todas as câmaras funerárias estudadas — «passage grave» e «gallery grave» — e ainda os oito tipos incluídos nas duas séries propostas.

Estas câmaras, conforme pertencem à série de «passage grave» ou à série de «gallery grave», assim estão cobertas com túmulos redondo («round barrows») ou túmulos alongados, os «long barrows».

No cap. II o A. estuda a distribuição, baseando-se nas suas características especiais e individualizantes, reunindo todas as câmaras funerárias em cinco grupos geográficos com áreas demarcadas e indicação dos monumentos que fazem parte de cada um dos grupos. Refere-se ainda às câmaras destruídas

e os problemas que tal facto tem levantado entre os arqueólogos ingleses.

No § 3 deste cap. intitulado «The geographical Background» procura colocar os monumentos megalíticos estudados dentro do quadro geográfico — natural da Grã-Bretanha na época da sua construção, focando, por um lado, os movimentos de levantamento e afundimento por que teria passado a linha da costa das ilhas Britânicas em relação aos continentes que a circundam, e, por outro, o clima e a vegetação.

No § 4 do mesmo cap. o A. faz a análise da distribuição, isto é, examina as suas características e indica os factores que a teriam influenciado. Contra a opinião de muitos arqueólogos que vêem como facto predominante na irradiação e colonização megalítica a exploração dos metais, o A. defende neste parágrafo que aquele factor não teria um aspecto predominante na distribuição megalítica do sul da Grã-Bretanha, mas o conjunto de outros factores revela-se muito mais decisivo — proximidade do mar e dos cursos de água, dos lugares ricos em pedra, etc.

No cap. III refere-se principalmente à construção das câmaras de superfície, visto não existirem câmaras «rock-cut» e os monumentos sub-megalíticos serem deminutos.

Ocupa-se primeiro da construção das câmaras — paredes e tetos — da construção do túmulo («barrow»), levantando aqui novamente o problema das câmaras «free-standing», isto é, sem túmulo, a que já se referira na Introdução. Um grande número das câmaras da Inglaterra são desprovidas de túmulo; serão elas genômorficamente «free-

standing» ou foram mais tarde despidas do túmulo?

Refere-se depois ao «extra-revetment material», cuja origem tem motivado grandes debates e, por fim, à construção das entradas («portholes») e às traves divisórias das câmaras do túmulo («septal slabs»).

O cap. IV consta da análise morfológica das câmaras funerárias, considerando nove grupos de acordo com as séries morfológicas e suas sub-divisões apresentadas na Introdução, indicando e descrevendo em cada um dos grupos as câmaras características.

No cap. V o A., baseado nos esqueletos encontrados, artefactos de várias espécies, ossos de animais, etc., procura reconstituir o ritual dos enterramentos, os seus processos — inumação ou cremação — esta raramente empregada no sul da Grã-Bretanha, indiferença pelo sexo e idade, práticas usadas, etc. Os últimos parágrafos são dedicados aos elementos artísticos e à sua interpretação simbólica. Das muitas espécies de petroglifos distinguidos na Grã-Bretanha por Simpson, apenas dois tipos, as espirais e as «cup-mark» ocorrem nas câmaras funerárias da Inglaterra e Gales.

No cap. VI enumera os achados arqueológicos das câmaras: objectos de osso, instrumentos de sílex, contas, cerâmica — «beaker», paralela da nossa campaniforme, bicônica e neolítica ocidental, entre outras a do tipo «Peterborough» que vai relacionar o grupo megalítico do Medway com a colonização dolménica do sul da Escandinávia.

No cap. VII, a partir principalmente da forma dos monumentos dos diferentes grupos, e muito particularmente, das espécies de cerâmica encontrada, vai debater o problema da origem e, por fim, o da data dos cinco grupos de monumentos megalíticos do sul da Grã-Bretanha.

Foi pena que o A. apenas se preocupasse com a origem próxima daqueles monumentos e não alargasse o âmbito deste capítulo, porque desta forma muito teria de se referir ao grupo dolménico peninsular e, muito particularmente, ao português que tantas afinidades parece ter com as culturas entre as quais o A. enquadrou a zona em questão — Irlanda, França e norte da Europa.

Ainda neste capítulo, num parágrafo dedicado à cronologia dos monumentos, o A. emite a hipótese de que as primeiras câmaras funerárias teriam sido construídas na Grã-Bretanha por volta do período II ou (I/II<sup>3</sup>) de Childe e o seu uso e construção prolongar-se-iam através do período III e talvez até mais tarde.

Para a determinação da cronologia baseia-se em três métodos: na prova das sequências topológicas, na prova baseada nas culturas aparentadas já datadas como as da Irlanda, sudoeste da Escócia, Bretanha, oeste da França e Escandinávia e a terceira baseada no aparecimento de material já conhecido e datado noutras estações.

Nos outros dois parágrafos deste cap. refere-se à sobrevivência da tradição megalítica e à colonização dolménica do sul da Grã-Bretanha, isto é, a acti-

vidade e ambiente do homem que construiu as grandes câmaras funerárias da Inglaterra e Gales.

Por este apanhado muito geral do livro do Sr. Glyn E. Daniel os interessados pelas culturas megalíticas euro-

peias vêem que estão diante duma obra exaustiva sobre o assunto no que diz respeito ao sul da Grã-Bretanha, cuja leitura, além de agradável, resulta de grande utilidade.

I. M.